

SEMANA PEDAGÓGICA 2014

Anexo 3
FRAGMENTOS SOBRE A
ORIGEM DO CONHECIMENTO
1º Semestre - 2014



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação





SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS
PORTAL DIA A DIA EDUCAÇÃO

FRAGMENTOS SOBRE A ORIGEM DO CONHECIMENTO

O RACIONALISMO CARTESIANO

Ao considerar que os nossos sentidos às vezes nos enganam, quis presumir que não existia nada que fosse tal como eles nos fazem imaginar. E, por existirem homens que se enganam ao raciocinar, mesmo no que se refere às mais simples noções de geometria, e cometem paralogismos, rejeitei como falsas, achando que estava sujeito a me enganar como qualquer outro, todas as razões que eu tomara até então por demonstrações. E, enfim, considerando que quaisquer pensamentos que nos ocorrem quando estamos acordados nos podem também ocorrer enquanto dormimos, sem que exista nenhum, nesse caso, que seja correto, decidi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais corretas do que as ilusões de meus sonhos. Porém, logo em seguida, percebi que, ao mesmo tempo em que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, ao notar que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de lhe causar abalo, julguei que podia considerá-la, sem escrúpulo algum, o primeiro princípio da filosofia que eu procurava.

Mais tarde, ao analisar com atenção o que eu era, e vendo que podia presumir que não possuía corpo algum e que não havia mundo algum, ou lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mesmo de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, resultava com bastante evidência e certeza que eu existia; ao passo que, se somente tivesse parado de pensar, apesar de que tudo o mais que alguma vez imaginara fosse verdadeiro, já não teria razão alguma de acreditar que eu tivesse existido; compreendi, então, que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de qualquer coisa material. De maneira que esse eu, ou seja, a alma, por causa da qual

sou o que sou, é completamente distinta do corpo e, também, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, mesmo que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é. (DESCARTES, 1999).

Portanto, Descartes considera que os sentidos enganam, pois para ele não há garantia sobre a validade do que se sente, quer seja durante o sono ou acordado. As percepções tanto em uma condição como em outra são, de acordo com Descartes, as mesmas. Por isso ele duvida das impressões provocadas pelas sensações e de um suposto conhecimento proveniente delas. Diante dessas dúvidas, Descartes encontra uma certeza: para pensar se todas as coisas seriam verdadeiras ou não, ele próprio deveria ser algo – um sujeito que pensa. Partindo da concepção do sujeito que pensa racionalmente e não considera as sensações e os sentidos como fonte do conhecimento, afirma-se para o racionalismo que o conhecimento é proveniente da razão e não tem relação com as experiências.

O EMPIRISMO LOCKEANO

Todas as ideias derivam da sensação ou reflexão. Suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento. Empregada tanto nos objetos sensíveis externos como nas operações internas de nossas mentes, que são por nós mesmos percebidas e refletidas, nossa observação supre nosso entendimento com todos os materiais do pensamento. Dessas duas fontes de conhecimento jorram todas as nossas ideias, ou as que possivelmente teremos. (LOCKE, 1999).

John Locke é categórico ao propor que o fundamento e origem de todo conhecimento humano é a experiência. O famoso termo cunhado por Locke, o de “tabula rasa”, busca esclarecer que a mente da criança, no momento de seu nascimento, se encontra totalmente vazia de ideias. Durante o desenvolvimento da criança, são as observações sobre os objetos exteriores e as operações internas da mente que dão origem às ideias. Portanto, através dos sentidos, percebemos os modos ou as qualidades dos objetos sensíveis particulares que são transmitidos destes objetos para a mente. Sendo assim, o empirismo se fundamenta na consideração da experiência como fonte do conhecimento.

O CRITICISMO KANTIANO

Não há dúvida de que todo o nosso conhecimento começa com a experiência; [...] Mas embora todo o nosso conhecimento comece *com* a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente *da* experiência. Pois poderia bem acontecer que mesmo o nosso conhecimento de experiência seja um composto daquilo que recebemos por impressões e daquilo que a nossa própria faculdade de conhecimento (apenas provocada por impressões sensíveis) fornece de si mesma, cujo aditamento não distinguimos daquela matéria-prima antes que um longo exercício nos tenha tornado atento a ele e nos tenha tornado aptos à sua abstração.

Portanto, é pelo menos uma questão que requer uma investigação mais pormenorizada e que não pode ser logo despachada devido aos ares que ostenta, a saber, se há um tal conhecimento independente da experiência e mesmo de todas as impressões dos sentidos. Tais *conhecimentos* denominam-se *a priori* e distinguem-se dos *empíricos*, que possuem suas fontes *a posteriori*, ou seja, na experiência. (KANT, 1983).

- Kant, com sua *Crítica da razão pura*, concilia a dicotomia racionalismo-empirismo ao expor a possibilidade do conhecimento. Enquanto Descartes e Locke se distanciam conforme as fontes do conhecimento, Kant aproxima as concepções por considerar tanto o conhecimento empírico ou *a posteriori*, que se refere aos conhecimentos sensíveis, fornecidos pela experiência, quanto o conhecimento puro ou *a priori*, que é universal e não depende da experiência.
- Para o autor, o conhecimento empírico implica a consideração de um conhecimento anterior, racional. Exemplo disso é a noção de espaço e tempo, universais e anteriores a qualquer experiência. A leitura deste texto, por exemplo, está ocorrendo em um determinado local e em um determinado momento e não é a percepção das coisas externas, da experiência, que nos dá a noção do espaço ou do tempo, pois ambas são anteriores a qualquer experiência. Podemos abstrair toda e qualquer experiência, porém tanto o tempo quanto o espaço permanecem em nós *a priori*. Portanto, a **crítica** consiste nesta análise sobre o entendimento e na consideração de que o conhecimento reside em fontes práticas e teóricas.

REFERÊNCIAS

- DESCARTES, R. **Discurso do método**. 10. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 60-92.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 57.